

ENTREVISTA AFIF DOMINGOS Ministro-Chefe da Secretaria das Micro e Pequenas Empresas

“Micro e pequena são injeção na veia da renda e do emprego”



Afif Domingos: a solução está em eliminar a burocracia e integrar com CNPJ único

Ministro garante que “quem está respondendo por 80% do aumento de emprego gerado no Brasil nos últimos dez anos é o micro e o pequeno empreendedor”. Mas adverte: “A burocracia mata as MPE”

Daniel Soares e Jozailto Lima
cadernom@cininform.com.br

■ Guilherme Afif Domingos, ministro-chefe da Secretaria da Micro e Pequena Empresa da Presidência da República, esteve em Sergipe na sexta, 25, para lançamento da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios - Redesim -, evento que fez parte da “Caravana da Simplificação: Mobilização pelo novo Simples”. Sergipe foi o 16º Estado visitado pela Caravana. Após uma longa agenda de eventos, que incluiu um almoço com membros da Associação Comercial do Estado de Sergipe, Afif Domingos visitou o Cinform onde conversou com os diretores do jornal e deu uma entrevista exclusiva.

Ele falou sobre os desafios da implantação da Redesim - um sistema virtual integrado e simplificado para abertura, fechamento, alteração e legalização de empresas em todas as Juntas Comerciais do País. A ideia deverá facilitar a vida dos micro e pequenos empresários - universo que representa 97% dos empreendedores brasileiros.

“A burocracia mata as MPE. Deveremos unificar todo o processo de regularização de uma empresa. É um trabalho para baixar o tempo de abertura e fechamento que tanto desmotiva as empresas a se formalizarem”, afirma.

Afif Domingos está à frente do processo de mudança do Simples Nacional - que serve para facilitar a formalização das micro e pequenas. Algumas alterações estão previstas para atrair ainda mais empresas que estejam na informalidade. “É um processo de aperfeiçoamento contínuo”, afirma. O projeto está em análise no Congresso e será votado nesta terça-feira.

Com o conhecimento de uma militância de mais de três décadas no setor empresarial, Afif Domingos criticou o atual sistema tributário brasileiro. Para ele, mudanças são urgentemente necessárias para incentivar o desenvolvimento. “No Brasil, temos um sistema que incentiva a empresa a não crescer porque quando ela está crescendo aumentam-se os custos. Quando a empresa chega à faixa R\$ 1 milhão, o empresário faz as contas e, em vez de crescer para cima, ele cria outra e coloca em nome de parentes”, assegura Afif. Confira abaixo os principais trechos da entrevista.

Cininform - Quando o senhor sai Brasil adentro com a Caravana da Simplificação, o senhor está falando estatisticamente para quantos por cento dos empreendedores brasileiros?

Afif Domingos - Estou falando para 97%, porque a micro e pequena empresa representa esse montante do universo empreendedor. E representa também 52% da ocupação de mão de obra e 20% do PIB, porque ela é muito mais abundante em mão de obra e renda distribuída. Reproduz riqueza, porém, ela está em um universo muito contido - até porque, os fiscais gostam de empresa grande. Para se ter uma ideia da concentração de arrecadação no Brasil, 82% dela está em 2% das empresas. Somos um País muito concentrado, pois existe muito incentivo para o grande enquanto o pequeno é desincentivado.

“No Brasil, temos um sistema que incentiva a empresa a não crescer, porque quando ela está crescendo aumentam-se os custos”

Cininform - Então a solução estaria em fomentar o micro e pequeno para produzir mais efeito social, riqueza?

AD - Sim, porque é injeção na veia da renda e do emprego. Quem está respondendo por 80% do aumento de emprego gerado no Brasil nos últimos dez anos é o micro e pequeno. Veja que agora todos os programas que foram dados de incentivo para grandes empresas não deram resposta em termo de emprego. Hoje está no jornal que, depois de receber bilhões de incentivo para a redução de imposto, a indústria automobilística, a Volkswagen e a Fiat, estão demitindo 2,5 mil empregados. Enquanto isso, estamos gerando emprego sem notícia no jornal. Se cada um dos oito milhões de CNPJs gerarem um emprego, são oito milhões de empregos sem notícia no jornal, porque a notícia no jornal ou é emprego ou desemprego do grande.

Cininform - Qual o conceito geral da Redesim e o que ela representa?

AD - A Redesim é a integração de Estados e Municípios no conceito do registro empresarial. Não é somente a emissão do CNPJ, mas a regularização da empresa como um todo através da integração de todos os processos. É um trabalho para baixar o tempo de abertura e fechamento de uma empresa - uma grande necessidade do País. Essa demora e as demais complicações desestimulam as empresas a se formalizarem. A informalidade empobrece as relações de trabalho e a nossa missão é fortalecê-las. Com isso, a Redesim deverá ser um importante instrumento.

Cininform - Qual é que a Redesim vai estar em todos os 27 Estados Brasileiros?

AD - Nos Estados, está acontecendo por iniciativa própria. Uns estão mais adiantados, outros menos. Mas estamos investindo em um integrador nacional. Estimamos que ele fique pronto entre os meses de junho e julho. Vamos implantá-lo em Brasília, que é uma cidade-estado. Com isso, ficaria integrado a União, o Estado e o próprio Município. Como resultado, esperamos baixar o tempo integral de criação de uma empresa para, no máximo, cinco dias. Esse é nosso primeiro desafio. Hoje a média é 150 dias. Essa mudança deverá desatar os nós.

Cininform - Qual o impacto da burocracia na vida das micro e pequenas empresas?

AD - A burocracia mata as MPE. Por mais que ela esteja no Simples Nacional, com o recolhimento do imposto nesse sistema, tributos como RAI e Fundo de Garantia, têm os pagamentos em datas diferentes - cada um com exigências e regras próprias. Então, pretendemos unificar também essas obrigações.

“Somos um País empreendedor: 64% da população sonham em ter um negócio próprio. Esse é um dos mais altos índices do mundo. Pela ordem, são três os sonhos da maioria dos brasileiros: casa própria, viajar de avião e um negócio próprio”

Cininform - Aquela margem de que 70% das empresas morrem no terceiro ano de vida tem a ver com a burocracia?

AD - Tem tudo a ver com a burocracia. No Brasil, temos um sistema que incentiva a empresa a não crescer, porque quando ela está crescendo aumentam-se os custos. Quando a empresa chega à faixa R\$ 1 milhão, o empresário faz as contas e, em vez de crescer para cima, ele cria outra e coloca em nome de parentes. É um efeito caranguejo: todo mundo anda para o lado.

Cininform - O Governo matou o conceito de média empresa?

AD - Tenho que olhar as micro e pequenas, que é o meu foco. Mas a nossa visão é que vamos alcançar a média à medida que fizermos um Simples de transição. Porque o empresário que sai do Simples entra no complicado. É necessário criar um sistema intermediário para que o pequeno chegue a médio e depois a grande. Isto vai ter que ser feito primeiro alargando a base do peque-

no, incluindo outros setores. Depois de ampliada a base, vamos empurrando os tetos para ir subindo no processo de simplificação. O País precisa de um grande Simples - não só de um para o pequeno. Um Simples para todos.

Cininform - Nessa sua cruzada, o senhor tem encontrado que tipo de esclarecimento do empreendedor?

AD - Para ser empresário, em primeiro lugar, é preciso ter instinto. Depois, é preciso aprender caindo. É igual a um filho: não adianta colocar o garoto lá e prometer que não vai acontecer nada. É preciso tirar da andadeira e deixar ele tropeçar, levar uns tombos, para que encontre o aprendizado. Nos Estados Unidos existe um sistema muito interessante. Eles buscam o cara que fracassou, porque ele tem mais chances de dar certo na próxima. Afinal, este empresário já vem com conhecimento do que não deve fazer de errado. No Brasil, quem fracassou tem que morrer, porque ficou devendo imposto. E se você está devendo imposto não pode fazer mais nada na vida. Essa experiência tem que ser incorporada, inclusive, no processo de qualificação.

Cininform - Comparado com outras nações, somos um País de bons empreendedores?

AD - Somos um País empreendedor: 64% da população sonham em ter um negócio próprio. Esse é um dos mais altos índices do mundo. Pela ordem, são três os sonhos da maioria dos brasileiros: casa própria, viajar de avião e um negócio próprio. Temos uma alma empreendedora. Existe uma multidão de gente disposta a ir para a rua batalhar. Desses, alguns realizam seu sonho. Outros, ficam só no pensamento.

Cininform - Eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas terão que significação para as MPE's?

AD - Já está tendo, até pelo investimento que foi feito em infraestrutura. Além disso, há um processo muito grande de terceirização que alcançou as micro e pequenas empresas prestadoras de serviços. Crescerá a demanda de serviços em hospedagem, alimentação, transportes - tudo que envolve o universo das MPE's.

Cininform - Quais são as linhas gerais do novo Simples Nacional?

AD - Enquadrar a substituição tributária nos setores de cadeias homogêneas, unificar as obrigações acessórias e estabelecer um registro único para a Redesim. Com isso, acabaríamos com as inscrições estaduais e municipais e passaríamos a identificar as empresas em um número único de CNPJ.

Cininform - Na avaliação do senhor, por que o antigo Simples precisa de mudança?

AD - É um processo de aperfeiçoamento contínuo. Quando implantamos o Simples, a Receita Federal, com medo de perda de arrecadação, resolveu restringir alguns setores. Isso já não assusta tanto, pois quanto mais facilidade você der, a resposta é positiva. A formalização aumenta a arrecadação. Quando todos pagam

menos, o Governo arrecada mais. Então essa cultura já está sendo absorvida. Nos Estados ainda existe resistência. Um forte problema que temos é a questão do subteto - que acaba deixando muitas empresas de fora do sistema. Já apresentamos experiências de outros que estouraram o limite, mas que aumentaram a arrecadação. No Rio Grande do Norte, por exemplo, o limite máximo é R\$ 3,6 milhões enquanto em Sergipe o teto é de R\$ 1,8 milhão. E lá aumentou a arrecadação.

“Para se ter uma ideia da concentração de arrecadação no Brasil, 82% dela está em 2% das empresas. Somos um País muito concentrado, pois existe muito incentivo para o grande enquanto o pequeno é desincentivado.”

Cininform - Qual o extrato que o senhor tira dessa sua caravana?

AD - Em primeiro lugar, o fortalecimento dos Fóruns Estaduais das MPE's, que possuem o papel de aproximação do Brasil real. Então, você estabelece uma rede de interligação que é extraordinária para poder direcionar uma política em um País de diferenças regionais profundas. Cada Estado tem a sua realidade e o Fórum traz para nós este sensor. Sendo assim, podemos formular uma política que atinja a todos e não somente a alguns poucos.

Cininform - Ministro, no frígido dos ovos, o problema real no Brasil não estaria no excesso de tributos?

AD - Sim. Dei o primeiro passo há 25 anos, na Assembleia Constituinte. Foi o autor do parágrafo 5º do artigo 150 que diz o seguinte: “a lei determinará a forma para que o consumidor tome conhecimento dos impostos pagos nos bens e serviços consumidos”. Em 2003, quando assumi a Presidência da Associação Comercial de São Paulo, lancei uma campanha de coleta de assinaturas para regulamentar o dispositivo constitucional. Colhemos 1,5 milhão de assinaturas por todo o Brasil e levamos à mão de Renan Calheiros, que era o presidente do Senado. Em 2005, ele fez andar o projeto no Senado, que depois foi para a Câmara e só foi aprovado no final do outro ano. Ai começou a resistência para a regulamentação, porque a Receita achava que não podia revelar essa informação. Então nós vamos regulamentar para que seja colocado na nota fiscal, por estimativa da cadeia inteira, quanto se paga de imposto por aquele produto. Isso é para chamar a população para a consciência. Ai a população verá que Educação e Saúde não são de graça. Saiu do bolso de todos na hora de consumir algum produto.